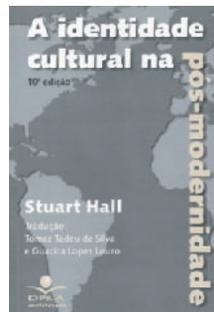


---

### A Identidade Cultural na Pós Modernidade

---

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 1998. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.



#### **Marco Antonio Leandro Barzano**

Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Doutorando em Educação na FE/UNICAMP  
barzano@unicamp.br

Atualmente, no campo da Educação, algumas categorias como identidade, diferença, multiculturalismo, etnicidade e hibridismo têm sido amplamente analisadas e discutidas nas pesquisas. Para nos auxiliar no bojo dessa discussão, encontramos em Stuart Hall o teórico que possibilita-nos apostar em uma sociedade e educação de maneira multifacetada, colocando tais categorias na centralidade, procurando escapar da homogeneidade e unidade da Modernidade. Considerado o protagonista dos Estudos Culturais, foi um dos fundadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, Inglaterra.

Diz o adágio popular que “os bons perfumes estão nos pequenos frascos”. Assim é o livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, da Editora DP&A, com 104 páginas, em um formato de 12x18cm, traduzido por Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro e que encontra-se em sua décima edição.

O primeiro capítulo, *A identidade em questão*, Stuart Hall apresenta o objetivo central da obra que é de “*explorar algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se existe uma 'crise de identidade', em que consiste essa crise e em que direção ela está indo*” (p. 7). O autor utiliza como argumento principal de que as identidades modernas estão sendo descentradas, ou seja, deslocadas ou fragmentadas. Como o conceito de identidade é considerado complexo, Hall nos apresenta de maneira elucidativa, três concepções de identidade, quais sejam: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Em *Nascimento e morte do sujeito moderno*, no segundo capítulo, Stuart Hall aponta as características do sujeito da Modernidade: centrado, fixo, estável, com identidade própria e racional e do sujeito pós-moderno: descentrado, desagregado, resultante de “*identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas*” (p.46).

Somos brasileiros/as! Argentinos/as! Ingleses/as! Italianos/as! Para Hall, essa nossa apresentação para situar nossa identidade, é metafórica pois, segundo ele, “*essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes*” (p.47). Assim inicia-se o terceiro capítulo, *As culturas nacionais como comunidades imaginadas*. Nele, o autor enfoca mais especificamente como as identidades culturais nacionais são afetadas ou deslocadas no processo de globalização. Na companhia de Homi Bhabha, Hall apresenta cinco aspectos que contam sobre a narrativa da cultura nacional, apontando-a como fonte de significados culturais, foco de identificação e sistema de representação. A partir de vários argumentos, o autor enfraquece a idéia de nação como uma identidade cultural unificada.

No capítulo *Globalização* Stuart Hall apresenta três possíveis conseqüências sobre as identidades culturais: a desintegração das identidades nacionais, resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global; as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particulares que estão sendo reforçadas pela resistência à globalização e que as identidades nacionais estão em declínio, porém, novas identidades, as híbridas, estão tomando seu lugar.

“*Em 1980, um em cada cinco americanos tinha origem afro-americana, asiático americana ou indígena. Em 1990, essa estatística era de um em cada quatro. Em muitas cidades grandes (incluindo Los Angeles, San Francisco, Nova York, Chicago e Miami), os brancos são agora uma minoria*” (p.82). Baseado nesses dados quantitativos, o autor enfatiza e discute o capítulo *O global, o local e o retorno da etnia*. Quase finalizando a obra, problematiza a categoria da identidade, desestabilizando-a de um sentimento coerente e integral e fazendo-nos refletir: de que maneira podemos garantir que uma pessoa seja européia, em um continente plural, marcado por cultura americana e japonesa? Vivemos em um mundo de “fronteiras dissolvidas”.

O último capítulo é reservado à uma discussão que vem sendo feita em algumas pesquisas na área de Ciências Humanas e na Educação, em particular: *Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo*. Os conceitos de Tradição e Tradução são apresentados, onde o primeiro tenta recuperar a característica da identidade pura e o segundo, que se refere às “*formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal*” (p. 88).

A leitura dessa obra carregou-me para diferentes lugares. Às escolas públicas: uma, de um bairro periférico e outra, do interior do Rio de Janeiro; às aulas para estudantes de Licenciatura em História, Biologia e da Pedagogia das Séries Iniciais, no sertão baiano. Saí do Rio de Janeiro, fui para Bahia, estou em Campinas. Me formei em Biologia, faço doutorado em Educação, pesquiso sobre meio ambiente, imagem, memória, cultura. Quem sou eu? Nessa trajetória, permito-me deslizar, saindo do fixo e apostando no transitório. Um híbrido cambiante, que recomenda esta obra aos professores e às professoras que sentem-se, independentes da formação inicial, instigados/as a refletir sobre a identidade cultural.



Aniversário de 90 anos da Profª Maria Laura M. L. Lopes

Da esquerda para direita: (em pé) Jovana, Vânia, Maria Laura, Fátima, Susana, Claudia, Lilian e Márcia; (sentadas) Gilda, Cléa, Flávia, Lucia e Ana Lúcia